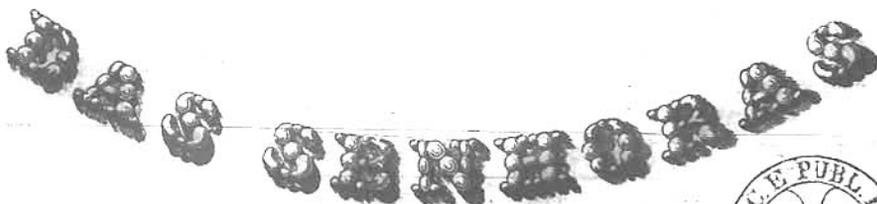


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

MODAS.

Com a chegada do paquete inglez *Teviot* recebemos os nossos jornaes e figurinos do mez de setembro, e alguns de 3 de outubro publicados em Pariz. Não se póde andar mais regularmente: os figurinos que chegam para o *Jornal das Senhoras* são publicados no Rio de Janeiro um mez depois da sua publicação em Pariz, differença unicamente do intervallo da viagem do paquete! Tenho ao menos essa satisfação não vos posso illudir.

Abri os jornaes, um por um; todos são conformes, esperão o inverno com as mais lisongei-ras esperanças de uma brilhante estação para o mundo elegante. Cortejão-na, esperão-na anciosos e perfumão-lhe seus dias com os mais bellos aromas das novas criações da moda, elegantes e preciosas, que hão de ser estreadas para esse tempo nos salões parisienses.

O *Moniteur de la Mode* felicita o mundo ele-

gante de Pariz pela nova abertura dos bailes e *soirées*, e dá noticia' detalhada dos magnificos estofos que tem de apparecer neste inverno, fabricados em Lyon debaixo de todo o esmero de luxo e da riqueza. Estes estofos, em geral os que mais tem de primar, são de um novo tecido de séda dobrada ou de finissima lã de côres mui vivas, empalhetadas ou bórdadas de ouro e prata, de uma magnificencia imperial. Brevemente os nossos armazens de primeira ordem nos apresentarão esses magestosos estofos para produzirem tambem o seu bello effeito nos salões fluminenses, quando a nossa nova estação dos bailes chegar.

O *Moniteur de la Mode* dá noticia ao mesmo tempo de uns novos espartilhos adaptadamente talhados para as modernas cinturas redondas; occupa-se em demonstrar as vantagens destes espartilhos e finalisa, como se nos tivéssemos en-

tendido, com as minhas palavras do meu penúltimo artigo de modas. « Não pôde jámais sustentar um talhe elegante e gracioso o espartilho que serviu com os antigos vestidos de bico. »

O *Petit Courier de Dames* apresenta a nova criação de Mme. Gagelin, que elle espera ser de um feliz successo, por isso mesmo que é muito notavel a sua invenção: são os chapéus de setim ou veludo, de abas curtas, de 4 polegadas menos que as abas dos chapéus que hoje usamos, para deixar os dois terços da cabeça descoberta. E tes chapéus porém, em compensação da mesquinhez das suas abas, são profusamente enfeitados com muitas flores, marabús, ou grandes tufos de fita encrespada; de sorte que, podendo tornar-se uma moda ridícula, pelo contrario são de uma elegancia admiravel. Os caixos de cabellos annelados ou em canudos que os devem acompanhar, muito contribuem tambem para sua elegancia.

Forão elles por sem duvida uma das causas que motivarão a invenção de Mme. Gagelin. Os chapéus de aba larga e arredondada são proprios unicamente para o verão porque nos livrão um pouco do ardor do sol e da poeira, mas não vão bem com a moda dos caixos e desmancha-os facilmente. O que quer dizer que a criação de Mme. Gagelin por ora não é propria á nossa actual estação.

Les Modes Parisiennes jornal tambem de muito bom gosto, está nas mesmas opiniões e acompanha os contemporaneos, cortejando igualmente a estação dos proximos bailes e *soirées*.

Alguns outros, como por exemplo *Le Follet*, folha pequena e de pouca monta, vi-lhe o seu ultimo figurino n. 1679 e como ainda é das estampas antigas de grupos de tres e quatro figuras desconsoladas e mal vestidas, ainda do tempo das cinturas immensamente compridas e espartilhadas á ingleza, fechei a folha e não quiz mais ler jornaes francezes por esta vez.

Com tudo, do que li e das informações que obtive dos nossos primeiros salões de modas, posso assegurar-vos que o inverno em Pariz apresentará este anno bellas e magnificas criações ostentando o luxo e o apparato dos antigos tempos do imperio, onde a prata, o ouro e os escudos, formavão os primeiros fastigios da moda. Essas sêdas magestosas, esses brocados, esse luxo sumptuoso em breve se transportará ao Rio de Janeiro onde terão por sua vez o dominio dos toucadores do nosso mundo elegante.

Por em quanto resignemo-nos; estamos na estação calmosa, que não nos consente estrear-mos ao mesmo tempo esses deslumbrantes estofos; os armazens recolherão ao fundo de seus gavetões as fazendas pezadas para deixarem apparecer em toda a frescura de seu brilho a lencaria branca e as sedas leves: tambem teremos o nosso inverno.

Domingo passado vos apresentei uma das mais particulares estampas que nos chegarão pelo *Teviot*; infelizmente não vos pude dar a sua descripção por falta de tempo; mas hoje segundo vos prometti, vou ver se posso descrevel-a de fórma a merecer a vossa approvação, que para mim é sempre da maior importancia.

Perguntar-vos se já mirastes, se já observastes bem as duas figuras, seria o mesmo que perguntar-vos se ainda não fostes hoje ao vosso espelho. Duvido que haja uma de nós outras que ao abrir um jornal de modas não vá logo ver os figurinos que elle traz. Que vos pareceu o novo genero de mangas da figura da esquerda em *toilette* de passeio? Forão de um feliz successo em Pariz. Mas o *chambre*, essa especie de sobretudo, da figura que está em *toilette* de reserva, oh! como é graciosa e singular a novidade daquelle cabeção, dá-lhe uma graça deliciosa; todo o *toilette* é delicado e de bom gosto.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA n. 46.

A primeira figura á esquerda representa um vestido de gros d'Escossia preto, afogado, com um collarinho á *Richelieu* de renda de Veneza. Pela frente deste vestido corre uma peça de chamalote azul composta de dois revezos, cosidos ao meio e abertos para os lados, tendo por enfeite, estreitinhas tiras enviesadas de veludo preto, cosidas por cima em distancias iguaes umas das outras, que vão convergir todas á costura do meio. De cada um extremo destes filetes pendê uma pequena borla de sêda azul (*petit gland*) que lhes dá muita graça e faz realçar todo esse enfeite—Cintura redonda, não obstante indicar o contrario a disposição dos filetes—Mangas compridas, a meio pagode, formadas de duas peças, como que sabindo uma de dentro da outra, de gros d'Escossia a primeira até o meio do braço, e a segunda de chamalote azul do mesmo enfeite do vestido, revelando-se por baixo desta as meias mangas enfunadas, de ca sa branca com punhos de renda de Veneza.—Chapéu de verão, finissimo e transparente, for

mado de blond e fita de garça côr de rosa, tendo por enfeite um ondulante marabú, e pelo interior dois crespos da mesma fita de garça.

A segunda figura traça um sobretudo ou roupão de *hongroise*, nome dado em Pariz á uma sêda nova e de listas atravessadas em disposição: é de um bello effeito. Este delicado roupão é todo forrado de sêda roxa e debruado com listas de *hongroise*, as quaes cortão-se da fazenda para este fim, e é por isso que denomina-se em frase da costura *fazenda em disposição*, por que quer dizer, que do desenho ou bordados da mesma fazenda podem-se tirar os enfeites para o vestido. Além do debrum ha mais quatrolaços de fita da mesma côr, um prendendo em cima o cabeção, outro fechando a cinta, e dois nas mangas!

Estes roupões, preciso é dizer-vos querida leitora, forão admitidos neste verão ao luxo das elegantes venezianas. Cabeção á *Talma* que estão a banhos em *Trouville* ou em *Diep*, para á tarde ou á noite resguardarem-se do ar, fazendo-lhes as vezes de um grande chale ou paletot. Por baixo dos roupões é que ellas tração então bellos e deliciosos *toilettes* leves, como vêdes representado na estampa—Vestido de cassa: transparente bordada, com seis estreitos folhos talhados em largos matames e formando depois preguinhas miudas—Cintura redonda—Corpo decotado, e mangas curtas—Openteado de caixos, tal qual o vêdes, e sem nenhum enfeite mais, que os mesmos caixos e a trança guarnecendo em volta o cimo da cabeça, é um dos que mais ha de sobressahir proximamente nos salões de Pariz. Já se falla muito em seu favor e as elegantes já o estão usando. Por mim tem elle mais um voto de que pôde dispor: gosto muito dos caixinhos.

Vamos agora á nossa estampa de hoje.

Tendes dois lindissimos *toilettes* de verão, um de passeio e outro de estar em casa; qualquer delles chamará a vossa attenção pela delicadeza e escolha de seus ornamentos. O da esquerda vos mostrará a bella idéa do colete de renda fechado até acima por pequenos botões de sêda verde, substituindo a camisinha, que não seria de tão delicado bom gosto. O segundo com o seu *canerou* de mangas, ou propriamente roupinha de renda com *basquine* (abinhas vem a ser o mesmo) faz-me recordar os antigos corpinhos á polka, que erão tão bonitos. Entretanto as polkas não offerceão o talhe tão ameno e mimoso, tão especial e aperfeiçoado destas roupinhas: é um dos objectos de *toilette* mais apropriado para a actual estação. Tende a bondade de ler a descripção da estampa.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA n. 47.

1.^a Figura. TOILETTE DE PASSEIO. Vestido de tafetá verde claro com tres ordens de folhos inteiriços enfeitados unicamente de um serpenteado de veludo estreito enroscado em um crespo de fitinha da mesma côr—Colette de ligeira

cassa bordada, fechado até acima por pequenos botões de sêda verde. Corpo de *basquine* guarnecido ao mesmo gosto dos folhos não fechando de todo, para deixar mostrar o colete até abaixo, e levemente preso por tres laços de tafetá em distancias iguaes—Cintura edonda—Mangas de talho redondo com o mesmo veludo por enfeite, e sub-mangas enfunadas guarnecidas de renda de linho nos punhos, os quaes são voltados para cima—Chapéu leve de palha de arroz ornado com flores de campo por fóra e por dentro.—Bandós de cabello fortemente encrespado: luvas côr do cana, e o indispensavel chapéu de sol.

2.^a Figura. *Toilette de estar em casa*—Saia lisa de sêda de riscadinho côr de rosa roupinha de finissima caça bordada com *basquine* recortado em longos bicos guarnecidos de renda de linho. Esta roupinha fórma cintura redonda eahi prende-se por um laço dobrado de fita côr de rosa; ella vai abrindo gradualmente até acima acompanhada de uma renda de bico que lhe guarnece toda a cintura, mas deixa entretanto revelar-se uma linda camisinha de renda flamenga—Mangas talhadas de recorte, com tres ordens de renda larga formando sub-mangas—Penteado de bandós ondeados coroando-os uma volta larga de trança, que se fecha no amarrado do cabello—Luvas côr de canario e braceletes de veludo côr de rosa.

Eis tudo quanto vos posso dizer a respeito: desculpai-me, querida leitora se fui extensa.
19 de Novembro.

Christina.

CORRESPONDENCIA.

Dignissima Redactora em Chefe do Jornal das Senhoras.

Pelo paquete de outubro tive a fortuna de receber duas cartas do Dr. Alsina (hoje presidente da Republica Argentina) e cuja interessante e heroica chronica coube a honra ao nosso JORNAL de inaugurar com a sua publicação. Naquelle tempo, o Dr. Alsina e eu eramos proscriptos, por conseguinte estou livre de ser accusada de exaggerações: não é na desgraça e no exilio que os adulares se lembrão de tecer elogios.

O Dr. Alsina é hoje o astro luminoso da Republica Argentina; emquanto esse sabio e virtuoso piloto se conservar ao leme não ha que desconfiar, é porque o paiz marcha e se encaminha a constituir-se debaixo de bases solidas e justas.

A carta do Dr. Alsina é, como vereis, confidencial; elle não é para mim um homem novo, é uma lembrança de infancia.

Eu publicarei alguns trechos dessa carta, que tambem contém detalhes mais perfectos sobre a sua prisão e outros incidentes do romance; esses passaremos em silencio, porque não alterão as verdades fundamentaes que me propuz demonstrar nos *Mysterias del Plata*.

Eis a carta, data de 1.^o de outubro:

« Senhora de toda minha estimação e amiga.

« Com quanto muito cheio de afazeres, cumpre-me preencher o dever de dizer-lhe que incidentes, que deploro e que passo a referir-lhe, impedirão que chegasse ás suas mãos a minha resposta á sua pressada.

« Em principios de maio escrevi-lhe debaixo do sobrescripto do Sr. Sarmiento, remetendo a carta a Montevidéo, para que o Sr. João Nepomuceno Madeiro a enviasse á sua direcção.

« Porém agora sei com desgosto, o que poderá ver pela carta de Madeiro que lhe ajunto.

.....
.....
.....

SEGUNDA CARTA.

Buenos-Ayrcs, maio 1.º 1852.

« Sra. D. Joanna Manso de Noronha.

« Com atrazo consideravel tive o prazer de receber nestes dias a sua muito distincta de 18 de março, assim como os primeiros onze numeros do PRECIOSO JORNAL DAS SENHORAS, no qual debaixo da frisante epigrapha de MYSTERIOS DEL PLATA, esboça Vm. com delicados contornos um dos successos mais notaveis e mais amargos de minha vida. Fizemos esta leitura com todo o interesse que poderá calcular; e Antonia, a quem a senhora tem tido a crueldade de fazer chorar muito, me recommenda especialmente que lhe signifique as suas queixas e a sua gratidão ao mesmo tempo por essas lagrimas; porque ellas, querida compatriota, encerrão um prazer melancolico, indefinivel, quando as fazem verter lembranças penosas, que o talento e a amizade sabem despertar com viva sensibilidade. Em quanto a mim individualmente, tambem tenho o direito de queixar-me de Vm., e o dever de agradecer-lhe; pois quiz pintar-me com dotes e qualidades taes, que humilhão-me e envergonhão-me ao sentir na minha consciencia o quanto estou distante de possuil-as. Eu espero que este erro enorme que Vm. faz aos seus leitores, ser-lhe-ha perdoado por elles em consideração a ser produzido unicamente pelo excellent e patriótico coração seu.»

.....
Aqui fazemos uma pausa, e acabaremos com o ultimo parographo.

.....
« Quando os MYSTERIOS estejam concluidos, cuida-se que sejam reproduzidos pela nossa imprensa; escuso encarecer-lhe o prazer com que receberemos os numeros seguintes desse interessante JORNAL, que tanta honra faz ao seu nome, e por consequencia á sua patria.

« Com a mais completa sinceridade me subscreevo seu affectuosissimo compatriota e servidor

VALENTIN ALSINA.

A MULHER PERANTE A LEI.

Disse um escriptor de nomeada, com cujas idéas concordo em toda a sua extensão, que não se apedrejam as arvores productoras de máos fructos, pela simples razão de serem estes ingratos ao paladar, e causarem difficil digestão; e logo accrescentou—que a mulher está no caso inverso, sendo por isso que soffre as aggressões dos inumeros estouvados povoadores do mundo.

Bem vejo que não cabe no pequeno dominio da minha leitura a discussão e desenvolvimento de uma idéa reprovada pela quasi totalidade dos homens, que se proclamam intelligentes e illustrados; não ignoro tão pouco que vou encontrar opposição no proprio seio do meu sexo, onde as theorias masculinas têm sido aceitas com decidido apoio, e talvez com uma especie de culto e veneração; porém, como escrevo para mim, como não pretendo obter a disputada palma da celebridade, mas unicamente matar algumas horas de dissabor em que vivo á sós com o meu pensamento de orphã, dou os devidos emboras aos clamores offensivos que se levantarem de redor de mim: escrevo para minha alma; enuncio o meu sentimento intimo, e por forma alguma busco alistar proselytos; o tempo provará que não sou louca, e com o seu pharol livrará a geração vindoura de sossobrar nas penedias do arbitrio em que hoje vai de continuo esbarrar-se a fragilidade da mulher, senão a sua docilidade e resignação.

Não duvido que me accusem de insurreição; embora! a minha defeza existe na natureza. A mulher está fóra do alcance das baterias do homem, desde que este a culpa de insurgente: sua arma é o raciocinio, seu estandarte a religião, sua causa a lei de Deus. E por ventura é em rios de sangue que se purifica o pensamento? é sobre uma pilha de cadaveres que se arvora a bandeira da igreja? é do alto do patibulo que se faz ouvir a verdade do Evangelho?!... Além disso, o pensamento da mulher tende a tornar-se livre como a aguia que atravessa rapida o espaço; ella tem o instincto de todo o ser criado pela mão do Omnipotente, e por isso repugna o estado de escravidão a que a sujeita um egoismo revoltante e de todos o mais indigno, porque é sobre elle que o homem firma a sua superioridade, a sua força de intelligencia!

Nobre, tão nobre é a missão da mulher, e que os seus máis decididos detractores muitas vezes a denominão—sublime—; entretanto vê-se diariamente negarem-se-lhe direitos que a razão lhe confere; usurpão-se-lhe qualidades que sobresabem em todas as phases de sua vida; desmente-se a natureza para apoiar-se os prejuizos da vaidade, da ambição, e quem sabe se da estupidéz!

Por agora, levantarei uma só das pontas do véu que encobre a—cortezia—do homem, e, fóra do combate, deixarei aos moralistas que a discutão e justifiquem sem lhe darem o colorido da mascara, que, submettida aos raios do sol, disbota e perde o brilho; e como é sabido que o

sol da intelligencia reflecte no espelho da verdade, tudo quanto fôr inverosimil provará deficiência de razões para contestar o que descobro com mão firme e a consciencia tranquilla.

As leis civis que nos regem são um modelo de contradicções absurdas na parte relativa á mulher. Outr'ora vivia ella perpetuamente como tutelada; porém a lei antiga, promulgada pelos Romanos, estava a menos harmonisada em todos os pontos, porque a mulher era sempre considerada menor. No seculo presente, os homens a decláram, em grande numero de casos, tão livre e independente como elles proprios; suprimirão a tutela geral; fixarão a sua maioridade, tornarão-a apta para herdar em partes iguaes, garantirão-lhe a posse e disposição da sua propriedade, e ainda mais, no caso de divorcio, admitirão a separação de bens. Porém, pergunto, dá-se igual liberdade e independência no casamento, nessa união em que se não trata só de riquezas e conveniencias pessoas, mas sim da nossa posição, da de nossas mães, irmãs e filhos? Não; e então os homens são intractaveis nas suas leis; riseão com um largo traço a igualdade; querem que a mulher se confesse sua inferiora, sua escrava, e lhes jure obediencia!

Na verdade, parecem ter mais afêro ao dinheiro do que á dignidade humana: emancipão a mulher para ser proprietaria, e quando tratão de fazel-a sua companheira, decláram-a inferior á si!... Entretanto é iuegavel que nem um laço prova com maior evidencia o direito da igualdade; ella torna-se visivel e palpavel á imaginação mais tosa, e é por si mesma tão necessaria, quanto é certo que não existe união na sua ausência.

Assim como a fusão de dois corpos heterogeneos produz um terceiro corpo diferente dos submettidos á acção do fogo, assim tambem não se pôde obter unidade de pensamento e de querer, quando esta é exigida de dois entes, um dos quaes julga-se autorisado a mandar como senhor, e o outro vê-se obrigado a obedecer como escravo! No acto do consorcio, o absurdo, e a contradicção proclamão a inferioridade da mulher, condemnão-a á uma obediencia cega e illimitada; fazem-lhe prestar um juramento despotico, e abusar da sua amizade para coagil-a á ultrajar a dedicacão.

Esta linha divisoria, que a lei encarrega-se de traçar, e que os homens *respeito submissos*, é um defeito da educação acanhada, que herdamos, e não temos tratado de adiantar. Quando um melhor systema de educação trouxer á mulher a sciencia do sentimento de sua dignidade; quando a sua escolha for livre, e ella não soffrer a influencia dos prejuizos de leis dictadas pela conveniencia, desprezarão por certo as adulações pueris de que ainda se mostrão avidas; a sua fidelidade não será posta em duvida, porque acabar-se-ha a necessidade de fingir e transigir com a artimanha masculina; e só então poderá assentar-se ao lado do homem como sua companheira, e jámais como sua serva.

J. P.

NATALIA NARISHKINN.

Alexis despediu-se de seu hospede. Dois dias depois, elle lhe dirigiu um de seus officaes de confiança, chamado Demetrio, que lhe recomendava como um joven commerciante, filho de um de seus amigos estabelecidos em Astrakan. Demetrio, depois de ter entregado a Malkoff sua carta de introdução, foi desde este momento recebido e tratado como um membro da familia. Apezar porém da vantagem do seu exterior e dos esforços que elle fazia para se tornar agradável á Natalia, perdeu muito Demetrio na comparação que ella fazia com Brunow, negociante de Kasan. Demetrio tinha recebido algumas instruções particulares do czar, que lhe prometia que se elle chegasse a agradar a pupilla de Malkoff, o casaria com ella, dando-lhes um dote muito consideravel.

O monarcha fez, máu grado seu coração, uma prova perigosa; mas desta prova dependia a opinião que elle havia formar do character de Natalia, e do gráu de impressão que a seu respeito ella poderia conservar ainda.

Os cuidados e carinhos que empregava o mancebo erão baldados, não fazião progresso algum no espirito de Natalia. Em vão elle descrevia o luxo e as attentões com que obsequearia aquella que fosse sua esposa; Natalia não acolhia estas attentões senão com uma perfeita indifferença. Elle pois resolveu desesperadamente terminar com ella por um acto de afouteza, o qual deveria arrastar seu consentimento ao ambicionado consorcio.

Um dia, achando-a só, fez chegar para junto della um caixote de ricos estofos, que elle dizia querer enviar á Moscow, e lhe fazendo admirar um rico collar, promptamente substituiu o que ella trazia por aquelle que ella admirava. Esta acção com effeito era muito aventurada, porque passar um collar em torno do pescoço de uma moça era uma prerogativa especial que só pertencia aos noivos exclusivamente. Natalia, indignada, se desembaraçou vivamente do collar, calcou-o aos pés, e sahiu sem querer ouvir as satisfações nem as supplicas do seu desasado admirador; por cujo motivo Malkoff e sua mulher virão-se na necessidade de o despedir de casa.

Por todo o tempo que este mancebo fez sua côrte, o czar fazia assiduas visitas a Malkoff, não tendo para Natalia senão palavras de politica. Nesse mesmo dia elle, como sempre, veio fazer sua visita; contarão-lhe a desagradavel aventura do seu protegido, para quem o czar procurou inutilmente obter o seu perdão.

— E' um costume do nosso paiz, diz o czar á moça; todo o homem tem o direito de dar este ornamento á pessoa que escolheu para sua esposa; o czar mesmo não se comportaria de outra maneira.... Já vistes o czar, Natalia?

— Nunca, senhor; mas todos os dias peço a Deus que o proteja.

— E que fez elle para merecer uma tão feroz predilecção?

Natalia sorriu-se, sustendo suas lagrimas. O imperador repetiu a questão.

— Elle fez mais pela Russia que nenhum dos seus predecessores, porque elle tem tornado o povo mais esclarecido, e por consequencia mais feliz.

— E entretanto não lhe permittireis que lance um adereço sobre vosso lindo peçoço?

— Realmente elle é o pai de seus vassallos para não exigir de uma pobre moça o sacrificio de sua dignidade. Não seja este o direito que uma noiva aceite... Mas basta sobre este assumpto, senhor, ajuntou ella um pouco triste, elle me atormenta e me afflige...

Mathia, vendo-a assim-agitada, lhe tomou o braço e a conduziu a seu quarto.

O imperador a seguiu com a vista, depois levantou-se, deu alguns passos, e bruscamente se dirigiu á Malkoff.

— E' preciso terminar com isto, lhe diz elle. Achaste algum pretendente digno desta admiravel menina?

— Não, senhor, excepto o joven negociante que acaba de ser regeitado.

— Pois bem, fui mais feliz, porque conheço um que receberá tua pupilla como um thesouro inesperado.

— Deus e S. Nicoláu vo; recompensem, meu senhor; meu piedoso reconhecimento é uma pobre offerenda... mas é ardente e sincera.

— Porque terei por mais tempo suspenso a ti, meu bom Malkoff? O esposo que destino á Natalia sou eu mesmo.... se ella quizer pertencer-me.

Malkoff, mudo de espanto e de alegria, cahiu aos pés do imperador. Alexis o levantou com bondade, esforçando-se para contel-o; mas seu velho preceptor não consentiu senão supplicando que lhe concedesse uma graça.

— Meu augusto soberano, lhe diz elle, não decidais assim da sorte de Natalia, antes que, segundo o costume, as virgens do vosso imperio não sejam chamadas á vosso palacio para submeterem-se á escolha, que vós tendes o direito de fazer entre ellas. Eu desejo a felicidade e a elevação de minha pupilla, não resta duvida; mas é meu dever propôr ao meu imperador que examine se entre as bellas filhas destes vastos Estados, não haverá uma que seja mais dotada de perfeições que Natalia, e que mereça mais do que ella um tão alto destino.

O czar ficou silencioso alguns instantes; depois respondeu gravemente.

— Não é por ordem minha; é por seu livre consento que desejo obter Natalia. Preciso fallar-lhe, mas antes que tu m'a tragas aqui, prometto-te satisfazer o teu leal desinteresse, seguindo teu conselho; reunirei todas as bellas moscovitas em Kremlin.

Malkoff, tendo conduzido Natalia á presença do pretendido negociante, este lhe declarou seu amor, e sollicitou o precioso dom de sua mão. A moça abaixou a cabeça, corou, deixando tomar sua mão que ella não recusou; depois como elle lhe supplicasse a resposta da sua pretensão, ella aceitou-o por esposo com uma emoção tão

viva, que se apressou em occultal-a no seio de seu tutor; e quando ergueu sua cabeça, seu sorriso era tão timido e tão doce, que o feliz Alexis não cabia em si de alegria.

Depois das primeiras demonstrações de grande prazer, o fingido negociante, dirigindo-se á sua joven noiva, lhe disse com um ligeiro tremor:

— Onvi dizer hoje na cidade que todas as bellas filhas deste imperio vão ser convidadas por uma proclamação a virem á corte. Eu tenho concedido á minha Natalia um mez para se preparar á mudar de condição. Antes deste prazo porém pôde ser que ella se veja elevada ao throno, e se julgue na obrigação de desfazer este tratado.

Continua.



SO'.

Heide andar sempre só; e só no mundo
Será o meu viver.

E quando a morte vier arrebatat-me
A' força de amar: já gasta a vida,
Não sentirei morrer.

Não levarei do mundo uma saudade,
Nem uma só lembrança.
Nem d'ella, que eu amei com amor tanto,
Que traidora me foi, que em minha vida
Queimou minha esperança.

Não: ELLA era um anjo, era uma pomba,
Eu, sim, que fui traidor;
Em su'alma esgotei minh'alma impura;
Em meus versos ardentes abraçados
Libou o meu amor.

Fiz d'ELLA a minha musa, a minha estrella;
Esqueci o meu Deus.
Um dia a contemplei, e vi que o anjo
Só era uma mulher; e a mente afflicta
Tornei a erguer aos Céus.

E sempre nos meus sonhos tive a imagem
Da virgem que eu amei.
Vi o mundo roubar-lhe as azas puras,
A essencia divinal eu vi fugir-lhe
Afflicto então chorei.

Nunca mais a avistei; sei que ao deixal-a
Do mundo sobre o pó
Uma voz me dizia dentro d'alma;
« Não ames cá na terra, que o ten fado
E' sempre viver só. »

Um dia heide morrer, o sol brilhante
Virá cheio de luz ;
De joelhos heide estar junto á corrente
Orando ao Senhor Deus : ingella prece
N'alguma humilde cruz.

E o sol doirá á altas montanhas
E os templos do Senhor ;
Hade o brilho espalhar-se a altas grimpas,
E tambem doirá as alvas perlas
Do calix d'uma flor.

E ao depois passará ao meu cadaver
A luz de mais um dia ;
E virá lá do Céu o meu archanjo
Nas azas de christal, amortalhar-me
No manto da poesia.

E eu serei feliz por ter morrido
Na flor da juventude.
Ninguem me chorará ; só um gemido,
Que ninguem ouvirá, dará a pedra
Que cobrir men athaúde.

Salomon.



KAROLINA.

(Continuação.)

KAROLINA FAZ UMA VIAGEM COM LEÃO.

As lagrimas que Leão tinha surpreendido nos olhos de sua mulher partião de um sentimento até então desconhecido de Karolina. Depois de ter vivido no meio da agitação, do vazio, do bulício e do movimento da sociedade, achava-se agitada, inquieta, longe do mundo que lhe tinha criado novos prazeres e novas necessidades. Karolina com seus pensamentos virginaes, seus sentimentos de moça, já era menos junocente ; como que sonhava e suspirava apó estas chimeras que se chamão prazeres. Um sopro havia embaciado a pureza deste crystal.

Faltava á Karolina a experiencia do mundo ; julgava que certas virtudes andão á par de certos nomes ; julgava, pobre moça ! que o nascimento impõe mais deveres que direitos. Em uma palavra, via o mundo não tal qual elle é, mas tal qual deve ser.

A carta de Leão não era para ella uma prova de perversidade : esta incomprehensivel conducta parecia-lhe ser um desvio momentaneo, de que, mais cedo ou mais tarde, poderia triumphar a sua virtude e a sua paciencia.

No entretanto cada dia bastaria para a desenganar, porquanto nada havia que adoçasse o máo humor de Leão ; a bondade de sua mulher irritava-o, sua tristeza punha-o em furor, e ambos tinham chegado a um tal estado de reciproco encommodo, que sem duvida teria produzido mui funestas consequencias, se um acontecimento, não esperado, não viesse pôr-lhe termo. Um correio chegado de Warsovia tinha trazido uma carta do copeiro, que convidava o conde e a condeça para partirem quanto antes para a Podolia, afim de assistirem á venda de umas terras consideraveis em que Karolina tinha uma grande parte. O copeiro devia esperar o conde e a condeça em Warsovia, para d'ali partirem juntos para a fazenda de Miodoborce.

Leão, que requintava de crueldade nas suas menores acções, não quiz viajar na carruagem de seu sogro. « Quero ir só na minha calecha, disse elle ; estarei mais á minha vontade, e a condeça vos servirá de companhia. »

Esta viagem foi pois para Karolina a continuação de suas agonias e inquietações. A cada instante ella abaixava os vidros da carruagem para ver se a calecha de Leão a seguia sem accidente algum ; quando via os cavalles correrem um pouco mais vivamente tremia ; um abalo mais forte, a menor sob'roda a fazia estremecer ; com os olhos fitos na calecha de Leão, inquietava-se por elle, quando não havia de que. A saude de Karolina alterou-se visivelmente durante esta triste viagem ; seu pai, vendo-a tão pallida, e observando a alteração de snas feições, dizia : Tanto melhor, tanto melhor, brevemente estão satisfeitos todos os meus desejos. »

Miodoborce era uma bella propriedade ; e o copeiro, que nada tinha de tolo, sabendo entender-se com os credores, comprou-a em nome de sua filha. Karolina e Leão passarão pois dois mezes neste seu nóvo seuhorio ; no entretanto que o copeiro voltou para Warsovia, onde sua mulher o esperava. Karolina, separando-se de seu pai, prometteu-lhe que iria vel-o no dia de S. Martinho, que era o de seus annos.

Em Miodoborce, assim como em Modragora, tinha Leão quarto á parte, e fóra ajustado taci-

lamente que Karolina não entraria nelle. N'um dia, o primeiro de novembro, lembrando-se ella do anniversario de seu pai, por um destes movimentos que precedem á reflexão, dirigiu-se para o quarto de Leão. Atravessando a ante-camara viu um homem estranho á casa, com os vestidos empoeirados, e sem dar attenção a este incidente, entrou no quarto. Leão, com as costas para a porta, estava sentado á uma mesa de escrever, tendo ao lado uma véla acesa. Karolina aproximou-se de vagarinho, e quando chegou perto de Leão pôz as suas mãos, alvas e pequenas, sobre os olhos de seu marido, brincando este de menino, que seria gracioso se partisse de uma mulher que se amasse.

Ao mesmo tempo, lançando os olhos sobre a mesa, viu Karolina uma carta aberta de fresco, uma trança de cabellos, um bracelete e um retrato de Leão!

Immensa foi a sua dôr neste momento; já não era uma suspeita, e sua rival respirava neste quarto; presa nos labios a sua voz, as mãos lhe cahirão sobre o vestido. Leão, voltando-se de repente, disse-lhe com todos os signaes da mais violenta colera.

— Ha quanto tempo estais aqui? Então vós vindes surprender-me, vindes espiar-me? Julgava-me com direito a ser senhor do meu quarto.

— Eu não vim aqui com segunda tenção, replicou Karolina; vim para vos lembrar que aproxima-se o dia dos annos de meu pai.

— Pouco me importa a mim o dia dos annos de vosso pai, disse Leão, procurando cobrir com as mãos os papeis espalhados sobre a mesa.

— No entretanto vós sabeis que nesse dia devemos estar em Warsovia.

— Pois bem; será amanhã a partida, e para isso vou dar as ordens necessarias.

Karolina sahiu do quarto sem proferir uma palavra, sem articular uma só queixa; e apesar de tão pungente dôr, teve força bastante para encobrir as suas lagrimas e para vigiar com admiravel presença de espirito nos preparativos de viagem.

A mulher possui a coragem da necessidade; e posto que ella mesma não reconheça nem os seus recursos, nem os seus meios, está sempre

em tudo ao nivel das circumstancias. As suas forças physicas não entram no calculo das suas determinações: morrerá, succumbirá talvez, mas depois de ter empenhado na experiencia o peso da sua carga, e de ter dado conta da sua tarefa. Ha na organização da mulher, nesta parte nervosa da humanidade, virtudes do momento, virtudes repentinas e inesperadas; e são estas virtudes as que a levão a fazer milagres de coragem.

Chegára o dia da partida, e tudo estava prompto; já o lacaio tinha aberto a portinhola. Karolina vira com prazer que havia uma só carruagem: « Bom, dizia consigo, pelo menos iremos juntos poderemos fallar, e eu me explicarei. Inquieta Karolina, mandou ao criado que fosse saber qual era a causa da demora; e o criado voltando, disse—«ahi vem o senhor conde.»

Cheia de alegria, Karolina entra apressada na carruagem, conchegando bem o vestido para ficar mais largo o assento para Leão, mas qual foi a sua surpresa vendo Leão de roupão, vestido este na verdade singular para fazer uma longa viagem e no mez de novembro. Aproximou-se Leão á portinhola, e articulando algumas palavras em francez, deu logar para passar a criada grave, a qual tomou assento na carruagem, e Leão disse ao cocheiro—« Segue. »

Continua.



O JARDIM POETICO.

Fomos obsequiados com os dois primeiros numeros do *Jardim Poetico*, jornal que se publica todos os domingos com interessantes poesias e romances. Agradamo-nos do seu estylo e lhe reconhecemos devotamento á litteratura patria. O *Jardim Poetico* é mais uma flor que vem reunir-se ao ramalhete das novas publicações periodicas do nosso paiz. Nós cordialmente lhe desejamos uma prospera e longa existencia, e o recommendamos ás nossas assignantes.



Acompanha este n. 47 uma estampa com dous *toilettes*, um de passeio, e outro de estar em casa.